

Cartas Como Escrita do Tempo: a Resposta Pedagógica Schoesttatiana para a Indisciplina dos “Brasileirinhos”

Letters as Writing of Time: the Pedagogical Schoesttatian Response to the Indiscipline of the “Little Brazilians”

Bernadete de Lourdes Streisky Strang^a; Fabiane Luzia Menezes Santos^a;
José Adir Lins Machado^a; Gleiton Luiz de Lima^a;

^aUniversidade Norte do Paraná, Programa de Pós-Graduação de Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias

*E-mail:

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior intitulada “História, Memória e Magistério: Formação de Professores Primários nas Escolas de Professores de Londrina – PR (1945-1970)”, que está sendo desenvolvida no âmbito do “Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias” da Unopar, com apoio do CNPq. Este fragmento tem como objetivo principal analisar os encaminhamentos metodológicos recomendados em relação ao problema da indisciplina dos alunos, constantes em algumas cartas encontradas no acervo documental do Colégio Mãe de Deus. Três dessas cartas foram enviadas pela Irmã Maria Virgo aos seus pais na Alemanha, escritas respectivamente em 1939, 1940 e 1941 e que nunca chegaram ao seu destino, tendo sido retidas pelos censores nazistas. Outra carta foi enviada às Irmãs do Colégio pelo Padre José Kantenich no ano de 1936, respondendo a uma consulta sobre a possibilidade de uso de castigos físicos em casos de indisciplina.

Palavras-chave: Cartas. Docência. Disciplina.

Abstract

This paper is part of a larger study, entitled “History, Memory and Teaching: Primary Teacher Training in Londrina’s teacher’s training schools - PR (1945-1970)”, which is being developed under the “Master of Methodologies for Teaching Languages and their technologies” in Unopar, with support from CNPq. This fragment is meant to examine the methodological referrals recommended to the problem of indiscipline of students, included in some letters found in the documentary collection of Mãe de Deus College. Three of these letters were sent by Sister Maria Virgo to her parents in Germany, written respectively in 1939, 1940 and 1941 and never reached their destination, having been retained by the Nazis censors. Another letter was sent to the Sisters of the College by Father Joseph Kantenich in 1936, responding to a query about the possibility of use of physical punishment in cases of indiscipline.

Keywords: Letters. Teaching. Discipline.

1 Introdução

O presente artigo é um fragmento de uma pesquisa maior intitulada História, Memória e Magistério: Formação de Professores Primários nas Escolas de Professores de Londrina – PR (1945-1970), que está sendo desenvolvida no âmbito do “Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias”, com apoio do CNPq. Essa primeira apresentação da pesquisa teve como objetivo principal analisar os encaminhamentos metodológicos utilizados e recomendados em relação à (in)disciplina dos alunos, contidos em algumas cartas encontradas no acervo documental do Colégio Mãe de Deus, entendendo a temática como um critério fundamentalmente importante para a consolidação do trabalho docente.

Para quem trabalha com História da Educação e do Ensino, encontrar um arquivo organizado e preservado, por si só já é motivo de comemoração. Quando, além de documentos preservados se encontra, ainda, um conjunto epistolar entre as fontes documentais, é motivo de regozijo. A carta é, por excelência, o lugar do registro. Percorrer a escrita epistolar é situar-se nas zonas intermediárias entre o documento e a ficção, o literário e a história (GALVÃO; GOTLIB, 2000).

A escrita registrada na epístola permite ao historiador percorrer um tempo vivido e retratado pelo narrador. As cartas possibilitam, também, que se compartilhe a vida cotidiana, que se desnudem as ideias, os sonhos, as esperanças, angústias e dores do emissor. Por ser uma representação de uma dada realidade, as cartas são fontes ricas e transportam para a perspectiva daquele que escreve: o sujeito histórico portador da mensagem. E a compreensão deste sujeito é o que possibilita resgatar uma memória – a do emissor – e a sua visão sobre a realidade que o cerca. Não obstante, “a carta é uma partilha não somente porque ela pertence a dois sujeitos, mas porque envolve sempre vários correspondentes indiretos, no momento mesmo da sua escrita” (BEZERRA; SILVA, 2010, p.61-62).

Com o desenvolvimento da tecnologia e com a possibilidade de comunicação rápida, simultânea e eficaz entre locais distantes geograficamente, por meio da internet, por e-mails, redes sociais e outros, ampliaram-se bastante as formas de contato entre as pessoas. No entanto, esses recursos são bastante recentes. Antes de tudo isso aparecer, a carta desempenhou importância vital para o contato entre pessoas que se encontravam fisicamente distantes. Muitas das

escrituras bíblicas, por exemplo, eram originariamente cartas endereçadas aos fieis de diferentes regiões. São Paulo, talvez, seja o exemplo mais bem acabado disso, pois das vinte e uma cartas que compõem o novo testamento, treze delas (talvez quatorze, pois a Carta aos Hebreus é considerada paulina por alguns exegetas) são de autoria de Paulo de Tarso. Ele escreveu para povos de diferentes nações, principalmente, aos romanos e às colônias gregas, além de escrever também aos seus colaboradores (Timóteo e Tito) e ao amigo Filemon.

Nos dias de hoje, muitas crianças nem sequer sabem o que é uma carta. Algumas nunca as viram e é pouco provável que um dia se utilizem delas como meio de comunicação. Infelizmente, sob a perspectiva do trabalho do historiador, é uma grande perda o fato de as cartas terem se tornado obsoletas. Isso inspira preocupação, pois o desaparecimento de uma fonte importante de pesquisa indica que se terá menos um instrumento para compreender um pouco mais do passado.

É o caso desse trabalho. As cartas que a equipe teve acesso foram fundamentais para que se pudesse abrir uma janela no tempo, vislumbrar pequenos *flashes*, de determinado momento na História da Educação da cidade de Londrina-PR.

2 Desenvolvimento

2.1 Metodologia

As principais fontes de informação para essa pesquisa foram três cartas escritas pela Irmã Maria Virgo aos seus pais, na Alemanha, nos anos de 1939, 1940 e 1941, nas quais ela relata, entre outras coisas, as suas dificuldades de adaptação ao Novo Mundo e a sua vida cotidiana de modo geral. Por razões políticas da época, essas cartas nunca chegaram aos seus pais e retornaram¹ à destinatária no Brasil na década de 1980.

Além dessas missivas, outra fonte utilizada foi uma carta em particular do Padre José Kentenich, endereçada às irmãs do Colégio, em 22 de maio de 1936, na qual responde longamente a uma consulta anteriormente feita a ele, sobre a possibilidade de uso de castigos físicos para os casos de indisciplina. Não se sabe quem mandou ou quando exatamente mandou a correspondência que originou a resposta. Pela carta do padre, não há indícios concretos para nomear alguém em especial.

Do ponto de vista metodológico, considerando que nesse artigo são utilizados vários elementos presentes na interpretação do discurso das cartas, encontra-se na Análise do Discurso - AD, especialmente nas obras de Eni Puccinelli Orlandi (1997, 2001), a ferramenta que melhor atende aos objetivos. Parte-se da premissa que esses textos têm relação de exterioridades que obedecem a uma lógica própria daquele momento histórico, e este é um dos aspectos fundamentais do trabalho. A AD considera como primordiais as condições de produção do discurso. Tem necessidade de explicar as relações

do sujeito com o mundo que o cerca e em que contexto histórico-social ele está inserido. A afirmação fundamental para a AD é que o discurso materializa a ideologia. Nesse sentido, constitui-se em um lugar teórico em que se pode observar a relação da língua com a ideologia, a articulação da língua com a história e, especialmente, a constituição histórica dos sentidos e dos sujeitos. São estas as principais características da AD que interessam aqui.

2.2 Cartas de um mundo novo

As cartas da Irmã Maria Virgo aos seus pais, encontradas no acervo documental do Colégio Mãe de Deus, retratam uma cidade nascendo ao mesmo tempo, em que nascia uma escola. Essa Irmã fez parte do terceiro grupo de missionárias enviadas ao Brasil pelo Instituto Secular das Irmãs de Maria de Schoenstatt, Alemanha. Suas missivas são um raro e delicado testemunho do processo de adaptação dos imigrantes no país. De acordo com seus textos, uma carta demorava, na época, cerca de trinta dias para chegar ao seu destino, por vezes até mais tempo. O mais comum era que fossem transportadas de navio, às vezes, por via aérea, mas ao que tudo indica, embora mais rápido, este foi um meio menos usado por ser o mais dispendioso.

Além de relatar para sua família, na Alemanha, as dificuldades encontradas no novo continente, as cartas trazem também a percepção sobre os primórdios da cidade de Londrina. A Irmã faz uma narrativa rica em detalhes sobre a rotina que vivenciava no Brasil, algumas vezes apresentando comparações engraçadas sobre determinados gêneros alimentícios encontrados aqui e inexistentes em sua pátria-mãe. “Nós plantamos mandioca, parece com rabanete [só que] é marrom e mede até 40 cm” ou então, quando descreve o mamão, diz que “mamão é um tipo de melancia que cresce nas árvores” (Carta 2 – 03/08/1940).

A história por trás dessas cartas que se teve o privilégio de encontrar começou na Alemanha Nazista nos anos finais de 1930, em plena guerra, quando foram retidas pelos censores ditatoriais então vigentes. Depois da queda do Muro de Berlim em 1989, a Alemanha começou um processo de reunificação entre os lados oriental e ocidental, promovendo um expurgo dos anos de isolamento vividos sob a cortina de ferro. Isso fez com que o Colégio Mãe de Deus de Londrina recebesse um pacote, contendo cartas a serem devolvidas à remetente, Irmã Maria Virgo, endereçadas à sua família na Alemanha e que haviam sido confiscadas – primeiro pelo regime nazista e depois pelo governo comunista stalinista, que o substituiu.

Infelizmente, os familiares da Irmã nunca leram essas missivas cheias de vida cotidiana, de relatos pungentes e de riquíssimas narrativas sobre as crianças daqui, sobre a flora e a fauna local, sobre o clima quente dos trópicos, sobre a queima

¹ A Irmã Maria Virgo dá a entender, em seus textos, que seus pais em algum momento receberam cartas por ela enviadas. Em outros trechos, entretanto, ela questiona a falta de resposta a determinadas cartas, inclusive uma em particular acompanhada de fotografia. Hoje se sabe o que houve com a carta, mas nunca se saberá se outras cartas suas também foram retidas pela censura nazista.

da mata e as plantações de café, milho, feijão; sobre as estrelas e as lutas diárias contra as adversidades, de uma terra estranha. Não puderam fazer ideia da aventura que representava naquela época se estabelecer em um lugar novo, sem nenhuma infraestrutura, em pleno processo de construção de uma cidade no lugar da mata recém-derrubada e sem conhecer o idioma. Essa foi uma dificuldade expressa por ela, de forma veemente, em quase todas as cartas, assim como a dificuldade diante da propensão à indisciplina das crianças brasileiras, desde a mais tenra idade. Professora do jardim da infância, sua percepção sobre essas crianças, os “brasileirinhos”, conforme suas próprias palavras, ilustram o estranhamento do imigrante em relação à cultura local, mormente no que se refere à maneira de se portar dos filhos dessa terra.

2.3 A indisciplina dos brasileiroinhos e a dificuldade da língua

A literatura especializada mostra que o tema “indisciplina” atravessou gerações. Na segunda metade do século XIX, entre os anos de 1881 e 1883, uma jovem preceptora alemã deixou registradas suas impressões sobre a vida no Brasil daqueles anos, em uma série de cartas enviadas a uma amiga na Alemanha e que mais tarde foram publicadas no Brasil em forma de livro, no ano de 1956. Entre os muitos assuntos falados pela autora, a dificuldade de ensinar crianças e jovens ditos “indisciplinados” foi tema recorrente.

Em carta datada de 9 de junho de 1881, Ina Von Binzer, então com 22 anos de idade, faz um longo desabafo à amiga Grete, quanto à falta de referências pedagógicas adequadas às condições educativas daqui, que considerassem as características, o modo de vida e o temperamento da criança brasileira: “Você sabe quem afundei hoje nas profundezas mais profundas da minha mala? O nosso Bormann, ou melhor, suas 40 cartas pedagógicas que não têm a menor utilidade. E confiava tanto nelas! [...] Grete: creio que o próprio Bormann não saberia como agir aqui” (BINZER, 1982, p.21). A metodologia aplicada por Ina Von Binzer, baseada no livro de Bormann, não funcionava com seus alunos, não atingia os mesmos objetivos alcançados que na Alemanha, pois tais referências absolutamente não se aplicavam às suas alunas do colégio carioca², nem aos seus “romanos”³ de São Paulo, o que muitas vezes resultou em reflexões explícitas sobre o seu desempenho como professora: “[...] é estranho como aprendem pouco comigo, especialmente o alemão. Não pude descobrir ainda se a culpa é minha ou delas” (BINZER, 1982, p. 63).

Mais adiante, na mesma carta, ela afirma a Grete que

“as melhores famílias não mandam absolutamente as filhas para o colégio e devido a isso esta sociedade é, em geral, a menos educada ou a mais selvagem que se pode encontrar”, de acordo com a professora, as jovens do Colégio carioca por ela descritas “exaltam-se, gritam e chegam não raras vezes a ficar com o rosto enrubescido como cerejas” (BINZER, 1982, p.63).

Foi justamente a falta de limites dos seus “romanos”, por ocasião da festa de São João de 1882 que levou Ina Von Binzer da cidade de São Paulo para a região rural: “você facilmente fará ideia, Grete, do estado de espírito em que se achavam os meus romanos, fora de si de tanta excitação; só me admiro de não terem incendiado a casa com todos os seus habitantes” (BINZER, 1982, p.90). Em outra carta escrita três dias depois, Ina ou Ulla, seu pseudônimo, declara desesperada a amiga: “Imagine Grete; de um céu sem nuvens, caiu-me uma raio sobre a cabeça!” e prossegue,

Poderá você adivinhar qual foi a mais notável peça que [meus romanos] pregaram no dia de São João? Correram até a rua principal e lá atiraram fogos contra as patas dos animais dos bondes de burro, divertindo-se como uns demônios em colocar bombas sobre os trilhos chegando a derrubar um dos animais que naturalmente quebrou a perna. Ontem, o diretor da Companhia denunciou-os ao pai que foi obrigado a pagar o preço do animal e suportar gratuitamente essa contrariedade. Este alegre ‘intermezzo’ enraiveceu demais o pai dos romanos que resolveu entregá-los aos padres imediatamente para serem educados (BINZER, 1982, p.92-93).

Quase seis décadas mais tarde, Irmã Maria Virgo faz relatos bastante aproximados daqueles feitos por Ina Binzer no final do século XIX. Nascida em Geislingen, na Alemanha, ingressou no Instituto Secular das Irmãs de Maria de Schoenstatt em 7 de janeiro de 1936. Três anos mais tarde, no dia 6 de junho de 1939, a religiosa chegou ao Brasil, às vésperas de completar 29 anos de idade, conforme consta em pequena biografia do Colégio Mãe de Deus. Maria Virgo trabalhou na escola até o seu falecimento em 4 de abril do ano 2000. Nas cartas à família, escritas em língua alemã em 15 de outubro de 1939, 03 de agosto de 1940 e 25 de março de 1941 ela descreve suas impressões sobre o país e as pessoas, assim como as angústias e dificuldades quanto a má disciplina e a agitação dos “brasileirinhos”. Na sua perspectiva, as crianças daqui não tinham grandes propensões aos estudos, porque o “pequeno brasileiro não é muito perseverante no estudo. Também precisa cuidar muito da disciplina, porque ele é muito agitado” (Carta 2 – 03/08/1940)⁴.

Na primeira carta, datada de 15 de outubro de 1939 a Irmã conta que há algumas semanas estava trabalhando com o jardim de infância, então composto por 20 crianças. De acordo com

2 De acordo com Antonio Callado, que faz a introdução da tradução brasileira de “Os meus Romanos – Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil”, de Ina Von Binzer, trata-se do Colégio Lebre-Rouannet ou do Colégio Jacobina, visto serem os únicos estabelecimentos leigos de ensino que recebiam alunas internas nessa época.

3 Ina Binzer chama os seus alunos da cidade de São Paulo de “Romanos” em referência aos seus nomes próprios: Caius Gracchus, Plinius, Cloelia, Cornelia, Lavinia e, “mistério insondável”, o caçula se chamava Vercingetorix.

4 A primeira carta foi traduzida pela Irmã Maria Ansgara, em 14/03/2014. A segunda e a terceira carta foram traduzidas pela Irmã Bernadete Maria em 10/10/2014 e 2/12/2014.

ela, o número correspondia as suas possibilidades de exercer seu trabalho, visto que, naquele momento, um número maior de alunos, “não daria para cuidar”. Essa ressalva aponta um dado interessante do qual se pode inferir a relevância dada ao controle das crianças, agravado pelos problemas linguísticos vividos por ela em sala de aula.

Para Pereira (2003, p.11), “a ideia de boa professora era a que mantinha a classe em silêncio e que conseguia que os alunos permanecessem bem comportados”. Manter a disciplina parece ter sido elemento importante para o bom desenvolvimento do ensino daquele tempo. Era preciso que o professor tivesse controle sobre os alunos, o que fica bastante evidenciado no trecho escrito por Maria Virgo, na sua primeira carta aos pais: “Com o tempo, espero ter as crianças mais à mão, mas, isto vai devagar, por causa da língua”.

Em uma das cartas, ao final, assegura aos pais: “Eu gosto de estar aqui, temos uma vida familiar bonita” e, mais adiante, ao se despedir, lembrando-lhes que ela já estava aqui no Brasil há 2 anos, pede: “por favor rezem para que o bom Deus realize o milagre das línguas” (Carta 3 – 25/03/1941). Deve ter sido um grande desafio para a Irmã aprender a língua portuguesa. O idioma era a “sua cruz”, segundo suas próprias palavras, por isso, pedia suplicante: “queridos pais e irmãos, rezem pela língua. Eu lhes seria muito grata” (Carta 2 – 03/08/1940).

A religiosa atribuiu à questão linguística o fato de ainda não poder controlar totalmente as crianças. Ela justifica seu posicionamento dizendo que: “[...] Boa vontade da minha parte não falta e com a benção da Mãe de Deus, já vamos dar conta. Às vezes me falta um pouco de paciência, vendo o que eu não consigo o que gostaria [...]” (Carta 1 – 15/10/1939).

Pereira (2003), em sua análise sobre a indisciplina nas escolas mineiras do início do século XX, afirma que da perspectiva civilizatória, além de inculcar valores, comportamentos, moralidade, dentre outros, também era responsabilidade da escola – sobretudo do professor – a manutenção da disciplina. Somente com os alunos em ordem e em silêncio poderia acontecer o aprendizado. Isso porque, ao interiorizarem as regras de comportamento e cumprindo as atividades escolares, os alunos conseguiriam desenvolver os ideais de civilidade.

Na segunda carta analisada, que data de 03 de agosto de 1940, menos de um ano depois da primeira carta, a turma do jardim de infância atendida pela Irmã Maria Virgo passou a comportar quarenta crianças, e isto se devia, segundo ela, ao “clima favorável”. Pode-se supor que esse clima seja uma referência ao tempo meteorológico, pois em trechos anteriores da carta a Irmã ressalta que “neste ano não fez frio” e agosto, o mês em que estava, “ainda é considerado inverno em nosso país”. A Irmã descreve ainda as atividades que precisava desenvolver: “Eu preciso coordenar de maneira diferente, preciso ler e fazer cálculos com as crianças e cuidar de variar os métodos, porque o pequeno brasileiro não é muito perseverante no estudo, preciso também cuidar muito da disciplina, porque ele é muito agitado” (Carta 2 – 03/08/1940).

O fato de a religiosa ter procurado se valer de métodos diferenciados, com seus alunos do jardim da infância, demonstra de forma inequívoca que no aspecto pedagógico, a Irmã Maria Virgo, assim como sua conterrânea, a preceptora Ina Von Binzer, teve plena consciência de estar convivendo com uma sociedade bastante complexa, diferente em muitos aspectos da cultura alemã, na qual nascera e para a qual fora formada, portanto a conhecia muito bem e lá saberia como agir. É óbvio que traçava comparações entre as crianças brasileiras e as crianças alemãs, assim como sabia que os métodos aprendidos e testados na sua formação não davam conta da realidade brasileira. Algumas décadas antes, Ina Binzer já havia reconhecido e alertado sobre a necessidade de se criar uma “pedagogia brasileira, calcada em moldes brasileiros, adaptada para o caráter do povo e às condições de sua vida doméstica” (BINZER, 1982, p.65).

Quanto à disciplina, o trecho da carta de Maria Virgo acima citado demonstra que a disciplina, no caso da criança brasileira, tinha um peso importante no processo de aprendizagem. Nesse sentido, sua fala está em consonância com um estudo sobre o tema, feito anos mais tarde, por Pereira (2003, p.107):

Para conseguir o silêncio e a imobilidade das crianças, o mestre deveria ter todas as atividades, dos exercícios às brincadeiras, criteriosamente calculadas e não poderia perder de vista os movimentos de seus alunos, inclusive no recreio, como atestam os registros escolares. A vigilância incansável para manter a ordem e a disciplina fazia com que o professor nunca deixasse um aluno desocupado. A vigilância, o silêncio e a ordem sintetizavam a própria disciplina escolar que valiam tanto para os professores quanto para os alunos.

A expressão “variando os métodos” de Maria Virgo indica que a religiosa preocupava-se com o desenvolvimento das atividades em sala de aula e com as formas de ensinar, mas também se preocupava em manter o controle sobre seus alunos. Garantir a ordem implicava em desenvolver atividades, ocupar o tempo para não deixar espaço para ociosidades e indisciplinas, pois o pequeno brasileiro não era, a seu ver, muito determinado nos estudos, e que também, era agitado. Não se pode precisar ao certo qual o parâmetro de comparação que a Irmã estabelece para medir o nível de agitação das crianças. No entanto, é válido inferir que elementos da sua cultura prevaleceram no seu julgamento. Está-se falando de uma pessoa que teve toda sua formação em um país diferente, com valores, costumes, tradições, visões de mundo diferentes, enfim que veio de uma cultura completamente diferente daquela aqui encontrada.

De acordo com Pereira (2003, p.58), a disciplina na escola tem sua origem na escolástica e, nesse período, “ela era menos um instrumento de coerção do que de aperfeiçoamento moral e espiritual, e foi adotada por sua eficácia, porque era a condição necessária do trabalho em comum” (2003, p. 58). Conforme afirmado pela autora, a disciplina era considerada importante no processo escolar e mostrava o bom desempenho da docente e da escola.

Seus estudos mostram, também, que os alunos que não se adequavam às normas disciplinares impostas pela instituição estudantil costumavam ser convidados a se retirar ou, dito de outro modo, eram sumariamente expulsos. A interiorização das normas e o bom comportamento foram fatores extremamente valorizados e determinavam quem era bom ou mau aluno. A obediência, neste caso, era essencial, assim como o respeito aos professores (PEREIRA, 2003).

Ainda na mesma carta, Maria Virgo mostra a importância da obediência por parte dos alunos: “As crianças do jardim da infância obedecem, mas custou muito até eu conseguir isto”. Qual seria o custo desta conquista? Que trabalho a Irmã teve que realizar para alcançar seu propósito de obediência dos alunos do jardim de infância? De acordo com Pereira (2003), a autoridade do professor era imposta por meio do medo, dos diferentes castigos. Seria esse o caso da Irmã Maria Virgo? Certamente não, mais adiante se voltará a esse ponto. Em outro trecho da carta, a Irmã diz que “com as 15 meninas do internato, de 7 a 14 anos, tenho muito trabalho. É um mal terrível quando não se pode educar as crianças de uma maneira amorosa e calorosa” (Carta 2 – 03/08/1940). Para a Irmã, a língua representava um impedimento para se trabalhar de forma mais amorosa com os alunos, se descontrair e, talvez, a inicial inabilidade com o idioma a fizesse se retrair ou mesmo ser mais austera com os discentes.

Na terceira carta, parte dela, ao que tudo indica, tratava-se de respostas a alguma correspondência anteriormente enviada pelos seus pais. Isso mostra que as cartas aqui no Brasil continuavam a ser entregues e o impedimento acontecia apenas para o recebimento na Alemanha. Nessa missiva, a Irmã volta a falar da indisciplina e do comportamento atrevido das crianças:

As crianças são indisciplinadas e desde pequenas acostumadas que a sua vontade e os seus desejos são realizados, e eles se sentem presos. Mas ainda não existe muito respeito com os professores e educadores como aí. A criança não conhece respeito, ela se coloca no mesmo nível do professor. Estudar para eles é uma coisa muito desagradável, exceto que a criança, seja dotada, isto se encontra raramente. Por isso me custa muito manter esta turma das 13 horas às 16 horas, com calma, ordem e concentração. (Carta 3 – 25/03/1941)

Nesse fragmento aparecem elementos importantes para a compreensão do processo educativo e do perfil do aluno brasileiro da época. Não há margem de dúvidas quanto ao choque cultural vivenciado por Maria Virgo, assim como ocorreu com Ina Von Binze muitas décadas antes. A forma de educação das crianças contrastava com a rigidez dos hábitos germânicos familiares a elas e, embora ambas tenham indicado textualmente, que reconheciam as diferenças culturais, nem por isso suas vidas se tornaram mais fáceis. Salienta-se, contudo, que o padrão disciplinar pretendido pelos docentes aparentemente era, naquele momento, compartilhado pelas sociedades ocidentais. Era uma concepção comum da época. Em determinado trecho, a Irmã diz aos seus pais que “gostaria de ter algumas coisas diferentes [daí], mas não podemos

comparar as circunstâncias daqui com as daí” (Carta 3 – 25/03/1941).

Nos estudos de Pereira (2003), que remetem à mesma temporalidade que Maria Virgo está vivenciando em suas cartas, percebe-se que a indisciplina sempre foi um problema para o ensino e, muitas vezes, era decorrente dos princípios adotados pelos estabelecimentos escolares, nos quais se valorizava (ou não) a ordem, o bom comportamento e a obediência, fundamentais para a efetivação do aprendizado. Em outras palavras, o aluno que internalizava as regras de convivência se apropriava dos conhecimentos apresentados pelo mestre. Nesse sentido, o papel do professor que transparece, no trecho escrito pela Irmã, é o de manter a turma calma, ordenada e concentrada.

2.4 O olhar de José Kentenich sobre os castigos físicos

É bastante comum ouvir das pessoas mais antigas que, em termos comportamentais, se está regredindo; que no passado a sociedade, principalmente a juventude, era mais educada e respeitosa, e que quase não havia problemas de indisciplina. Não é o que se constata quando se lê *Confissões*, de Santo Agostinho, por exemplo. Ali ele afirma:

[...] resolvi dirigir-me a Roma, não foi porque meus amigos, que me aconselhavam essa viagem me prometessem maiores lucros e maior dignidade, se bem que nesse tempo também estas razões moviam o meu espírito. O motivo principal e quase único assentava em eu ouvir dizer que os rapazes estudavam aí mais sossegadamente, refreados por mais regrada disciplina. Não invadiam desordenada e imprudentemente a escola de outro que não tinham como professor, nem eram admitidos sem sua licença. Em Cartago, pelo contrário, a liberdade dos estudantes é vergonhosa e destemperada. Precipitam-se cinicamente pelas escolas adentro e com atitude quase furiosa perturbam a ordem que o professor estabeleceu como necessária ao adiantamento dos alunos. Com uma insolência incrível, cometem mil impropérios que deviam ser punidos, se o costume os não patrocinasse. [...] Por este motivo, desejava partir para uma cidade na qual, segundo me asseguravam os interlocutores, nada acontecia de semelhante (AGOSTINHO, 1999 p.132).

Mesmo em Roma, Agostinho não encontrou o ambiente sonhado, pois se os alunos não eram tão indisciplinados, eram maus pagadores (AGOSTINHO, 1999, p.139), o que lhe incentivou a partir para Milão e acabou possibilitando a sua conversão, após o encontro com Santo Ambrósio (AGOSTINHO, 1999). No entanto, não é preciso retornar tanto para perceber que o conflito de gerações parece ser inerente a todas as épocas e, possivelmente, a todas as sociedades.

A missiva enviada pelo padre José Kentenich, às irmãs do Colégio, respondendo aos seus pedidos de orientação sobre como lidar com o problema da indisciplina, dá clara amostra do seu pensamento sobre a questão:

[...] E ocupa-se agora fortemente com o castigo corporal. Quisera pedir que não o aplicassem. [...] escrevi há pouco tempo numa carta algo sobre o assunto. E muito em breve, as senhoras perceberão, se utilizarem o castigo corporal na educação, também a própria autoeducação logo terminará. Com tal castigo consegue-se, para o momento, disciplina

externa e um pouco de sossego; porém, com o tempo sofre ao que me parece, a força de concentração à formação da própria personalidade. E uma personalidade animada, moralmente alegre, impregnada de forças divinas, deverá atuar permanentemente e muito mais nas crianças do que o castigo corporal (Carta, 22/05/1936).

Padre Kentenich foi uma figura de extraordinária capacidade de amor ao próximo, grande exemplo de apostolado e extremamente ativo. No entanto, passou por muitas situações-limites ao longo da sua atribulada e rica vida. O religioso fundou a obra de Schoenstatt, na Alemanha, em 1912. No final de 1941, no mês de setembro, José Kentenich foi preso pela Gestapo em Coblença, na Renânia. No ano seguinte, foi mandado para o Campo de Concentração em Dachau, lá permanecendo até o fim da guerra, em 1945, quando retornou a Schoenstatt. Seis anos mais tarde, ele recebeu ordens de deixar Schoenstatt pelo Santo Ofício, embora com pouco ou nenhum conhecimento a respeito do assunto por parte da cúpula do Vaticano. Foi mandado para Milwaukee, nos Estados Unidos, onde permaneceu por 14 anos. Em 22 de outubro de 1965 foi reabilitado pelo Papa Paulo VI, anulando-se a partir de então proibições anteriores e permitindo seu retorno a obra de Schoenstatt. Novamente, o padre volta ao seu lar e a sua obra, lá vivendo por mais três anos, até que a morte o levou em 15 de setembro de 1968.

Na carta, o padre Kentenich se vale da didática utilizada por São João Bosco (1815-1888) o qual, sabiamente, se colocava ao lado da juventude de sua época e conseguia educá-la sem violência.

[...] Já leram alguma vez, como Dom Bosco procedeu em casos semelhantes? Pois ele tinha de educar meninos muito mais rústicos, verdadeiros moleques da rua ‘salteadores’. E no ano de 1877 escreveu um breve tratado sobre seu sistema de educação: ‘Castigos físicos, mesmo de qualquer espécie: ajoelhar-se em posição forçada dolorosa, ou puxar as orelhas e castigos semelhantes, são severamente proibidos. Não porque a lei o proíbe, mas porque irritam as crianças e rebaixam o próprio educador. Em prosseguimento a esse trecho, Stoner escreve’. Com isso, Dom Bosco colocou-se em considerável contraste com a educação habitual daquele tempo; também com a educação costumeira nos círculos eclesiásticos que se apoiam nas palavras bíblicas, como nos Provérbios 13:24 Aquele que poupa a vara, quer o mal do seu filho! Dom Bosco considerava esses trechos verdadeiramente característicos para o Antigo Testamento, ou se forem válidos também para a Nova Aliança, então apenas para crianças que ainda não captam os motivos da razão. (Carta, 22/05/1936).

Baseados na valorização dispensada por Kentenich ao

comportamento de Dom Bosco, pode-se inferir que ele está em consonância com o pensamento platônico descrito na obra *A República*, na qual se lê: “não uses de violência para educar as crianças, mas age de modo que aprendam brincando” (PLATÃO, 1999, p.251). Também é sabido que em sua Academia, Platão buscava mais despertar o conhecimento levando os seus discípulos a aprenderem a pensar, do que propriamente transmitir-lhes informações, fator que também coaduna com os pensamentos de Kentenich:

Em 1912, diante da crise religiosa e moral dos povos deslumbrados com a revolução científica e influenciado pelas aspirações iluministas de uma sociedade mais racional e humana, o padre palotino José Kentenich concebe uma nova pedagogia para os seminaristas alemães. Como, segundo ele, a igreja não estava suficientemente capacitada para controlar o ‘bacilo do pensar mecanicista’, que levaria ao coletivismo marxista e ao totalitarismo, Kentenich propunha um homem independente e livre pensador, concepções que não encontraram receptividade na Alemanha da época. Aliás, valeram-lhe o confinamento em Dachau, impetrado pelo Reich, e o posterior exílio nos Estados Unidos, imposto pela alta hierarquia da Igreja (BORIN, 2000, p.217. Grifo nosso).

Kentenich percebeu que o castigo não dava bons resultados ao constatar como os seminaristas eram tratados. “No seminário em Schoenstatt nada escapava do olhar atento do Prefeito, que aplicava castigos e fazia repreensões, dificultando a ação educativa. Desse autoritarismo resultaram ressentimentos por parte dos seminaristas” (BORIN, 2000, p.218). Recém-ordenado, Kentenich foi trabalhar neste seminário como diretor espiritual, atividade que não lhe dava o direito de castigar os alunos, mas que lhe mostrou que a afetividade é mais eficaz do que o castigo na ação educativa. Além disso, acabou revolucionando o seminário com sua ideia de liberdade.

A sua pedagogia visava o retorno do homem a Deus pois, segundo ele, a sociedade havia sido muito fortemente influenciada pela *doença mecanicista*, ou seja, a compartimentalização da vida iniciada com o advento da epistemologia dos modernos. Na época de Kentenich, a Alemanha estava dividida entre o pensamento de Johann Gottfried Herder (1744-1803) e de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), o primeiro acentuando uma visão organicista de homem e o segundo uma visão universalista com destaque à superioridade do povo alemão, fato que causou, inclusive, dificuldades vocacionais aos seminários instaurados no Brasil, pois os mesmos criavam empecilhos para aceitar vocacionados

luso-brasileiros, descendentes de imigrantes e negros.

Para Kentenich, esta visão mecanicista estava sendo aderida também pela Igreja e isso era muito perigoso, pois tal visão não compartilhava da polaridade Deus e mundo, homem e mulher, natureza e cultura, liberdade e necessidade, mas defendia a oposição Deus ou mundo, homem ou mulher, natureza ou cultura, liberdade ou necessidade. Aí está o motivo porque Kentenich defendeu a ideia de homem novo e da pedagogia dos vínculos, quase uma alusão ao pensamento de Kant, quando adverte “faz a ti mesmo mais perfeito do que a simples natureza te fez” (KANT, 2003, p.261). Outro pensador que influenciou o pensamento de Kentenich, relativamente à questão de oposição e/ou polaridade, foi São Tomás de Aquino do qual herdou dois princípios filosóficos, que norteiam o sistema pedagógico de Schoenstatt: a ordem do ser determina a ordem do agir e a graça supõe a natureza. Para a doutrina tomista e para a schoenstattiana, não há antagonismo entre razão e fé, a educação da personalidade não exclui a formação religiosa e sim a pressupõe (GONÇALVES, 2010).

3 Conclusão

Em quase todas as épocas históricas de que se têm registros, a disciplina sempre esteve na pauta de debates acalorados por parte de educadores e pensadores da educação. Aparentemente, o controle, a ordem e o silêncio eram entendidos como elementos necessários e importantes para o desenvolvimento da ação docente. Conforme pôde ser depreendido pelas cartas da Irmã Maria Virgo, as dificuldades em controlar os agitados “brasileirinhos” e fazê-los estudar, somado ao confronto de realidades, tradições, costumes e, sobretudo, línguas diferentes, tornaram seu trabalho docente um desafio extremo.

As cartas analisadas, escritas pelo padre Kentenich e pela Irmã Maria Virgo, cada um a seu modo, valorizam a disciplina para o perfeito exercício da docência. Assim como demonstrado por Pereira, em seu estudo, Maria Virgo ao relatar sua prática, também deixa claro sua angústia quanto a indisciplina dos pequenos alunos. No caso da Irmã, havia dois agravantes: o fato de não dominar o idioma e a disparidade cultural. Sem o domínio da língua era impossível conter os alunos para estabelecer a ordem necessária. É preciso lembrar que, nesse momento histórico, para ser considerado um bom professor era fundamental manter a turma sempre sob-rígido controle. Caso contrário, a agitação iria tomar conta da sala de aula e, imediatamente, se instalaria ali a falta de interesse pelos estudos.

Na carta do padre Kentenich, contudo, apesar de reconhecer o problema, constata-se a ternura e o vigor de um educador preocupado com uma formação integral da personalidade humana. Na sua escrita, ele sustenta a ideia de que os castigos físicos terão reflexos, inclusive, na pessoa que os aplica e não apenas naquele que recebe. Essa prática pode

deixar os educadores mais grosseiros e menos humanos.

Também digno de reflexão é o contraste entre a nossa cultura e a cultura germânica, assim como o fato de pedagogos estrangeiros virem a ser, grosso modo, ineficientes para tratar da problemática brasileira. Isso é natural? Isso é cultural? Isso é atraso cultural? Isso é inevitável? Em todo caso, não restam dúvidas de que a Irmã Maria Virgo, assim como a preceptora alemã Ina Von Binze, algumas décadas antes, tiveram plena consciência das diferenças existentes entre a cultura alemã, na qual nasceram e para a qual foram educadas e a realidade brasileira distantes desta em muitos aspectos. Ambas tiveram noção de que o que elas entendiam como “indisciplina” estava ligada, principalmente, aos aspectos culturais dessas crianças. Como se pode expor, tanto Maria Virgo como Ina Binzer e José Kentenich reconheceram esse fato. Os dois últimos, inclusive, alertaram sobre a necessidade de se criar uma pedagogia própria, que levasse em conta a cultura local. Anos mais tarde, nasce a pedagogia de Schoenstatt, parte integrante da Obra de Schoenstatt, originada da vivência e de reflexões intelectuais de José Kentenich.

Referências

- BEZERRA, C.E.; SILVA, T.M. A correspondência de escritores brasileiros como fonte de pesquisa para os estudos literários e históricos. *Historiæ*, v.1, n.1, p.61-74, 2010.
- BINZER, I.V. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- BORIN, M.R. Pe. Kentenich e a ideologia de Schoenstatt. *Vidya* 34, v.19, n.34, p.217-228 2000.
- GALVAO, W.N.; GOTLIB, N.B. (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GONÇALVES, L.M. Perspectivas com relação ao ensino schoenstattiano em londrina – Pr: considerações geradas por meio de uma análise do tipo etnográfica. In: KRITSCH, R.; DONAT, M. (Org.). *Seminário de pesquisa em Ciências Humanas*. Londrina: Eduel, 2010. p. 1223-1241.
- KANT, I. *A metafísica dos costumes*. São Paulo: Edipro, 2003.
- LAWAND, D.; BERTAN, L. *A Pedagogia Schoenstattiana e o Colégio Mãe de Deus: contribuição para a educação brasileira*. São Paulo: Arte & Ciências, 2008.
- ORLANDI, E.P. (Org.). *Discurso fundador. A formação do país e a construção da identidade Nacional*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E.P. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultura, 1999.
- PEREIRA, M.J.M. *Disciplina e disciplinamento: da vara de marmelo à cadeirinha de pensamento*. 2003. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Unicamp. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- SÁ, P. Da educação. *Estudos*, v.3, n.6, p.23-27, 1943.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.